

01

Os Compositores

16/01/00

Terminamos hoje o panorama da Primeira Sinfonia em Do Maior opus 68 de Brahms que iniciamos a semana passada.

Como já sabemos a Primeira Sinfonia foi esboçada em seu primeiro andamento pelo autor ainda jovem, que porém julgando-se ainda impreparado para a experiência orquestral teve a paciência de esperar 15 anos para completar a obra.

Os traços beethovenianos evidentes nessa sinfonia são ainda mais marcantes no último andamento, pelas amplas



proporções, riqueza dos desenvolvimentos e o impulso da primeira idéia, que por sinal nasce de uma proposital citação beethoveniana.

Estranhamente esse último andamento é precedido por uma ampla introdução, confiada principalmente à sonoridade evocativa da trompa, ou melhor, das trompas tratadas como num coral em que a primeira emerge. Também os outros metais contribuem para esta atmosfera quase lendária, enquanto as cordas constróem as harmonias e a estrutura rítmica.

O pensamento instrumental brahmsiano é aqui bem moderno, antecipando talvez

inconscientemente, o novo papel orquestral das cordas do impressionismo em diante. Essa atmosfera quase lendária de memórias alimenta muito bem a aparição do allegro, surgindo aos poucos e quase com fadiga, das premissas da introdução. Aqui já se manifesta a característica fundamental de Brahms, isto é, a sua tendência para não se ~~deixar~~ enclausuramentos estreitos estróficos, mas para dar a sua música o caráter de uma emocionada prosa lírica e, como já disse alguém o aspecto de uma tensão ^{* Prussiana} a procura do tempo perdido. A forma desse último tempo é a forma sonata, que já em

* Prussiana

Beethoven substituía freqüentemente o tradicional rondo clássico. O equilíbrio entre as duas idéias é perfeito, incisiva e marcante a primeira conduzida fundamentalmente por intervalos conjuntos, sensível a segunda em seus amplos intervalos em sua tendência descendente.

O andamento termina com uma peroração de sabor bem beethoveniano marcando firmemente, com a presença de toda a orquestra, a tonalidade de Do Maior.

Vamos ouvir então o 4º movimento da Primeira Sinfonia em do Maior opus 68 de Brahms. O movimento é dividido em duas

partes bem definidas; a primeira constituindo a introdução em andante, a segunda, constituindo a forma sonata em allegro non troppo. Toca a sinfônica de Viena regida por Wolfgang Sawallisch.

Música (16:40”)

Disco: 01

CD: 01

Faixa: 04

Completamos o panorama brahmsiano ~~de~~ hodierno com as Variações para Piano opus 9 sobre tema de Schumann.

Já dissemos ser toda a música de Brahms uma contínua variação, justamente à procura do tempo perdido e é lógico portanto, que ele trate a variação por si com

extraordinária mestria e com novos conceitos, já preparados pelo último Beethoven. Não se trata mais da variação meramente ornamental, mas de um conjunto de aproximações que atingem melodia, harmonia e ritmo, quase explanação dos pontos fixados no início da conversa, isto é, no tema. Vale acrescentar que essas variações já apresentam os traços característicos do pianismo brahmsiano: grandes extensões, virtualidade das partes internas, mecanismo duplo de alta virtuosidade, oposição de desenhos diferentes, e procura de novos valores tímbricos pela concentração ou a rarefação da densidade dos harmônicos.

A escolha do tema de Schumann e a dedicatória a Clara, esposa de Schumann mostram ser essas variações opus 9 uma franca homenagem e um agradecimento ao homem que o havia lançado como um novo gênio da melhor musica nas folhas da sua Gazeta Musical .

Toca o paulista Pietro Maranca, um dos poucos pianistas que pode se ufanar de ter estudado com Arturo Benedetti Michelangeli.

Musica (20:55”)

Disco: 02 Lado: B

Faixas:02 até final

Como já dissemos uma ópera pode ser precedida por uma ouverture, um prelúdio ou uma

sinfonia. Essa última é uma coletânea de temas que serão ouvidos ao longo da ópera, numa seqüência lógica, geralmente com uma introdução e uma coda.

Disto vamos dar um exemplo ilustre com a Sinfonia de “La Forza del Destino” de Giuseppe Verdi. Aqui a introdução é marcada por possantes acordes da orquestra em uníssono, seguidos pela citação do tema principal de toda a ópera, um tema de caráter ansioso e trágico em sua fragmentada ~~e ansiosa~~ rítmica.

La Forza del Destino já pertence a fase de transição verdiana, que culminará com Aida; uma fase de meditação principalmente em torno às novas soluções da relação entre

palco e orquestra, de uma nova concepção da declamação lírica e da mais intensa fusão entre o recitativo e a ária, rumo a uma verdade dramática cada vez maior.

O enredo, extraído de um romance espanhol é verdadeiramente trágico, incluindo as desventuras do protagonista filho de índios na América Latina e aculturado na Espanha. As complicações deste enredo, documentos secretos, homicídio involuntário, conversão do herói ao estado monacal, refúgio da heroína no mosteiro, reportam a complicação das tragédias do helenismo, mas não perturbam a fluência da música verdiana e a

força dos sentimentos humanos que o velho mestre sempre soube suscitar.

A orquestra é tratada com generosa pujança e com sabia escolha dos timbres; veja-se a cantilena do clarinete com o tema que serra de um dueto posterior e o generoso impulso das cordas no tema de Leonora a heroína do enredo.

Toca a Orquestra Sinfônica da Radio de Berlim sob a regência de H. Lowlein.

Musica (7:31”)

Disco: 03

Lado: 01

Faixa: 01